

UNIVERSIDADE FEDERAL INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA
INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE, CULTURA E HISTÓRIA
BACHARELADO EM MÚSICA - PESQUISA

**PORQUE CANTAM OS VELHINHOS: Observações etnográficas de primeira
viagem em um lar de anciãos**

JONATHAN PATRICIO CUMBICOS GÓMEZ

Foz do Iguaçu

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA
INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE, CULTURA E HISTÓRIA
BACHARELADO EM MÚSICA

**PORQUE CANTAM OS VELHINHOS: Observações etnográficas de primeira
viagem em um lar de anciãos**

JONATHAN PATRICIO CUMBICOS GÓMEZ

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Latino-
Americano de Arte, Cultura e História da
Universidade Federal de Integração
Latino-Americana, como requisito parcial
à obtenção do título de bacharel em
música - ênfase pesquisa

Orientador: Prof. Ms. Marcelo Ricardo
Villena

Foz do Iguaçu

2016

RESUMO

Dedicado as pesquisas que ajudem a desconstruir a marginalização do idoso, a presente trabalho recolhe e apresenta uma etnografia feita no asilo *Lar dos Velinhos* em Foz do Iguaçu estado de Paraná - Brasil sobre repertorio musical em idosos e as motivações que os levam a cantar, ouvir ou escutar algumas canções específicas. Aborda também as limitações do envelhecer desde os autores Caroline de Leon Linck e Nelson H. Blanco respetivamente.

Palavras chave: Idosos, Presente continuo, Identidade Regional, Radiodifusão

ABSTRACT

Dedicated research to help deconstruct the marginalization of the elderly, this work collects and presents an ethnography done in Asylum *Lar dos Velinhos* in Foz do Iguaçu state of Paraná - Brazil on musical repertoire in the elderly and the motivations that lead them to sing, listen or listen to some specific songs. also addresses the limitations of age since the authors Caroline Leon Linck and Nelson H. Blanco respectively.

Keywords: old-aged, present continuous, regional identity, broadcasting

RESUMEN

Dedicado a la investigación para ayudar a desconstruir la marginación de las personas de tercera edad, este trabajo recoge y presenta una etnografía realizada em el Asilo *Lar dos Velinhos* en Foz do Iguaçu em el estado de Paraná - Brasil, sobre el repertorio musical en los ancianos y las motivaciones que les llevan a cantar, escuchar o escuchar algunas canciones específicas. También se abordan las limitaciones de edad desde los autores Caroline Leon Linck y Nelson H. Blanco, respetivamente.

Palabras-llave: ancianos, presente continuo, identidad regional, transmisiones radiales

Sumário

INTRODUÇÃO	5
CAPITULO 1: O Lar.....	10
Diário de campo e Perfis:	10
MUSICA COMO EXPRESSÃO DE IDENTIDADE.....	21
Capitulo 2: Analise Após o trabalho de campo	23
Analise das Performances	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
Referências bibliográficas	42

Lista de Figuras

Figura 1: Espectrograma e grafico de onda da performance de Sujeito 1	26
Figura 2: Grafico de onda da performance de Sujeito 1	27
Figura 3: espectrograma da performance de Sujeito 1	27
Figura 4: Grafico de onda de Gàucho de Passo Fundo versão Teixeira.....	28
Figura 5: espectrograma Gàucho de Passo Fundo versão Teixeira	29
Figura 6: Grafico de onda De performance Sujeito 2	31
Figura 7: espectrograma de performance Sujeito 2	32
Figura 8: Espectrograma e grafico de onda de Porto de Paranagua da dupla Palmeira e Luizinho	32
Figura 9: Grafico de onda Porto de Paranagua versão palmeira e Luizinho.....	33
Figura 10: espectrograma Porto de Paranagua versão Palmeira e Luizinho	33
Figura 11: Grafico de onda e espectrograma da performance de Sujeito 3.....	35

INTRODUÇÃO

Pela manhã preparo café, me certifico que a gravadora tenha bateria suficiente, reviso se tem espaço no cartão de memória para gravar, guardo várias canetas, um caderno, fones de ouvido, meus documentos e vou direto a pegar uma das duas linhas de ônibus que me leva até o asilo.

No ônibus é inevitável ficar alguns minutos em silêncio, escutar o barulho incessante dos fones de ouvido nas orelhas das pessoas e o constante teclar nos celulares. Se me detenho a olhar atentamente a maioria de pessoas no ônibus, na rua e quase em qualquer lugar, percebo que olham somente para as telas dos aparelhos. Esse quadro me leva a pensar em como a vida atual, no século XXI cheia de tecnologia e informação constante, criou uma necessidade de estarmos sempre conectados no mundo digital e desconectados do mundo real. Ou será que o mundo real agora é o mundo virtual? Um sentimento de ansiedade me invade e preciso parar para me concentrar.

Sempre pensando no seguinte passo, vou guardando meus fones de ouvido. Tirando a gravadora à medida que vou entrando pelo portão do asilo, preparo-me para cumprimentar a todas as pessoas que estiverem por perto. Com a gravadora pronta na mão antes de entrar falo a data e a hora. O tempo parece congelar ao atravessar o portão: uma rádio ambientando o asilo, uma tv ligada, um silêncio envolvente que transporta minha mente a um estado de paz e concentração imediata.

Como um buraco no tempo e espaço o asilo parece se movimentar mais devagar. As pessoas olham nos olhos, os sorrisos e cumprimentos são naturais, de outra época, ninguém olha no celular cada dois segundos, não tem pessoas com fones de ouvido, alguns caminham, outros assistem tv.

Dentro do olhar de cada um destes idosos podemos enxergar histórias, vidas de outros tempos, costumes de muitos lugares, e músicas de muitos tipos. Com esta ideia em mente, o objetivo da pesquisa estabelecido como a experiência de registrar os gostos musicais e canções deste grupo de idosos é um processo mais profundo que uma simples entrevista.

Entendendo que a pesquisa é feita com seres humanos de lugares diferentes e com passados diferentes é importante entender que além da procura por um repertório estamos nos aproximando a memórias fisiológicas e culturais de cada um dos idosos. Segundo a historiadora Ferreira¹ (1995), a construção de memórias tem um vínculo direto com agentes sociais e coletivos, expressos na oralidade. Por este motivo, há de se considerar a construção das memórias (neste caso musicais) através de diferentes fontes, como meios de comunicação massivos e outros.

O termo “melhor idade” é empregado para se referir às pessoas na fase idosa das suas vidas, onde em tese poderiam sossegar e desfrutar da vida, mas com o envelhecimento, vêm várias mudanças importantes que devem ser levadas em conta. Para Blanco² (2010), a “melhor idade” é um tempo de mudanças físicas, biológicas e psicológicas, que pode gerar no idoso um tipo de brecha pela dificuldade que encontra em acompanhar a temporalidade das pessoas mais novas, o que provoca um auto isolamento. Infelizmente o envelhecimento é um processo inevitável da vida mas existem estratégias, segundo o mesmo autor, para melhorar a qualidade de vida do idoso, como (por exemplo) uma sociabilização com outros indivíduos da mesma idade, algo que geraria um sentimento de pertença, pelo fato de poder compartilhar sua temporalidade.

¹ Professora Titular do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos. Formação em História: Graduação na UFPB, Especialização na UFPB, Mestrado na UFPE e Doutorado na USP. História da Paraíba, Direitos Humanos, Memória e Documentação

² 2 Licenciado em psicologia, com duas posgraduações, em Psicologia e em Turismo; além com uma mestrado em Musicología Latinoamericana. Coursou estudos musicais acadêmicos em conservatorios venezuelanos; assim como, populares em instituições privadas. Tem trabalhado como músico, arranjador, regente e productor musical; além de psicólogo, musicólogo y musicoterapeuta. Actualmente é docente musical e presidente de IASPM/ La- Ve.

Para Linck³ (2009) a longevidade não significa qualidade de vida na sociedade pós-moderna, pois a pós-modernidade requer das pessoas uma constante conectividade com as novas tecnologias. A incapacidade de se manter conectados ao que acontece no mundo, desde o ponto de vista da temporalidade, impossibilita a qualidade de vida em sociedade dos idosos.

Os acontecimentos em tempo real criam uma barreira impenetrável, pois o fato de chegar neste ponto da vida adulta tem como problema a marginalização social, devido à incapacidade de levar o ritmo de vida das pessoas mais novas. Refletindo nestes problemas poderíamos arguir que os idosos quase deixam de ser cidadãos. Segundo Linck (2009), o estigma do envelhecer tem relação com a incapacidade do idoso de ser produtivo para a sociedade pelo que a própria sociedade capitalista acolhe a ideia do envelhecer como um momento final e ruim da vida em sociedade.

A pós-modernidade, diferentemente da modernidade segundo Guiddens⁴ (apud Molina,⁵ 2008) quebra os modos de organização social criados e estruturados desde o século XVII como a ideia de nação, identidade, ao sentimento de pertencermos a um lugar como próprio, que se desvanecem com a chegada da pós-modernidade e se caracteriza pelo aqui e agora, pelas tecnologias, globalização. Estes fatos criam, na opinião de Molina uma sorte de destemporalização, que ao mesmo tempo gera uma sensação de presente contínuo.

Entendendo estes conceitos espera-se encontrar nos idosos, ideias como identidade regional ou nacional, nacionalismo, estado, família, conceitos que na pós-modernidade aos poucos sofrem um processo de desconstrução.

“la modernidad se había caracterizado por la existencia de grandes relatos, que se basaban en la emancipación del ciudadano, la realización del Espíritu, la sociedad sin clases... La edad moderna recurría a ellos para legitimar o criticar sus saberes y sus actos. Pero el hombre posmoderno ya no cree en ellos. Los decididores le

³ Doutorada no programa de Pós-graduação em enfermagem da UFRGS. Mestre em enfermagem pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Professora assistente da universidade federal de Santa Maria Centro de Educação Superior Norte RS (UFSM/CESNORS)

⁴ Sociólogo britânico conhecido pela sua teoria da estruturação

⁵ Diretora de pesquisa de esdicolor_lab em ESDI Barcelona Universitat Autònoma de Barcelona Semiotica Strutturali

ofrecen como perspectiva el incremento del poder y la pacificación por la transparencia comunicacional. Pero el hombre sabe que el saber, cuando se convierte en mercancía informacional, es una fuente de ganancias y un medio de decidir y de controlar” (Guiddens, apud Molina, 2008)

A modernidade tinha como característica a quebra com o passado e o estabelecimento de uma nova era de nacionalismo, democracia, estado novo. A pós-modernidade, por outro lado (Hall, 1993), é um tempo de profundas transformações nos modos de trabalho, com a tecnologia de por meio, e a influência na vida cotidiana dos modelos de produção pós-capitalistas. Representa a emergência de uma nova temporalidade na vida social: o presente contínuo, que implica numa hiper-valorização do tempo presente sem futuro nem passado, a globalização, a conectividade. É o momento histórico em que as pessoas devem lidar com uma quantidade enorme de informação ao mesmo tempo. Este tipo de temporalidade diferente das dos idosos cria neles um sentimento de isolamento pela dificuldade de acompanhar o ritmo de vida da sociedade pós-moderna.

O *presente contínuo* aparece como termo constante quando se fala de pós-modernidade, como um efeito da globalização, da sociedade que valoriza o aqui e agora, a constante necessidade de estar ligados para conhecer todo e todos de forma imediata. No caso desta pesquisa o presente contínuo aparece como contraste, na minha percepção, à temporalidade que percebo nas visitas que faço ao asilo, onde o termo presente contínuo parece se desvanecer junto com a globalização e toda a conectividade da pós-modernidade. O asilo neste caso poderia ser um lugar com espaço e tempo diferenciados da vida atual onde o fluxo de eventos da vida cotidiana parecem acontecer com mais calma.

O problema da pesquisa que é a falta de uma abordagem musicológica na literatura científica sobre terceira idade. Minha intenção é abrir espaço para futuras pesquisas na área, empregando o estudo de caso e a etnografia.

Neste estudo de caso específico no *Lar dos Velinhos* (Foz do Iguaçu), o trabalho se fundamenta na aproximação pessoal e entrevistas feitas aos idosos. Posteriormente foi feita uma análise dos dados colhidos em campo, avaliando os depoimentos em sua relação com problemáticas sociais nas dimensões geográfica, musical, geracional, e refletindo sobre como essas questões

(que traçam um perfil dos “cantores do asilo”) acabam se manifestando nas músicas que eles cantam, tocam, dançam e escutam. Abordaremos o repertório dos idosos desde a perspectiva da construção da memória para tentar entender as ligações dos mesmos com a suas memórias culturais.

A abordagem escolhida para esta pesquisa foi a entrevista semi-estruturada em que formulamos perguntas a partir de tópicos gerais que serviram para orientar o idoso a conversar de sua relação pessoal com a música, tentando não provocar desconfortos na hora de fazer as perguntas. Foi evitada uma entrevista comum, que seria direta e algumas vezes fria, dependendo de cada caso. Procuramos aqui uma forma de abordagem específica que contemple, inclusive o fato de que as condições físicas, mentais e sociais dos sujeitos acrescentam obstáculos na hora de fazer perguntas, pelo que as expectativas nunca podem ser as mesmas a cada visita nem as perguntas podem ser feitas de forma direta e sim abordar as temáticas de cada pergunta mediante o diálogo.

Podemos achar no texto de Trevithick uma extensa guia muito detalhada de como realizar diferentes tipos de abordagem ao entrevistado “Establecer una relación supone um tipo de contacto que es continuo o uma conexão que permanece com el tempo” (Trevithick, 2002, p.117). Após a etnografia os elementos recolhidos passaram por um processo de análise para depois integrar o texto acadêmico.

Finalmente, devemos apontar que a pesquisa oferece diversidade por tratar-se de velhinhos provenientes de diferentes lugares do Brasil. O trabalho, como uma análise da aproximação etnográfica, tem três etapas para chegar ao foco da pesquisa que é o repertório musical e os motivos pelos quais os velhinhos constroem seus repertórios. Numa primeira parte, então definiremos os conceitos a ser trabalhados. Numa segunda parte incluiremos as entrevistas, onde recopilamos o material que, no terceiro estágio da pesquisa, será objeto de análise, uma análise que cruza as informações colhidas pelas entrevistas com a análise musical (da performance dos idosos) em si. A partir desta análise tentaremos traçar possíveis motivos das suas práticas musicais ou como diz o título da pesquisa *Porque cantam os velhinhos?* Ou melhor: por que um grupo de pessoas que moram no asilo “lar dos velhinhos” na cidade de Foz do Iguaçu criou laços afetivos com uma ou várias

músicas e o que faz cantar ou lembrar essas canções? Entende-se desta maneira, que o trabalho analítico, sustentado numa fundamentação teórica inicial, é baseado integralmente nos dados colhidos em campo.

O fato de realizar uma pesquisa em um asilo tem a ver com uma preferência pessoal e na admiração pelos idosos e pela relação entre oralidade e costumes, tendo em conta que boa parte das lembranças tem aquela origem: “Tanto a memória individual como coletiva tem como referência as lembranças marcadas pela oralidade.” (Ferreira, 1995, P.2). A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens e lembranças.”(Bosi, 1979, P. 53).

Com a finalidade de ter um registro sonoro claro das visitas ao asilo foram feitas gravações sonoras com uma gravadora profissional TASCAM DR05⁶ que permitiu ter uma melhor qualidade de som para posteriormente fazer análises mais profundas das entrevistas. As gravações foram submetidas a uma análise em espectrograma para poder compreender e descrever o melhor possível as interpretações em relação comparativa com as versões originais, considerando a diferença de contexto.

A pesquisa tem um enfoque qualitativo porque mesmo recopilando informação o objetivo desta pesquisa é entender os sentidos por trás das canções interpretadas pelos velinhos e sua relação com a construção de suas memórias. Foi meu primeiro contato com a prática etnográfica. Considero que há mais perguntas do que certezas sobre o trabalho de campo e sobre as formas de transposição a um texto acadêmico. Há muito que se aprofundar nestes problemas.

⁶ TASCAM DR-05: Gravação estéreo de alta qualidade e fácil de usar.WAV e MP3 Gravação, Grava até 24-bit/96kHz, Usa cartões microSD e microSDHC, Microfones integrados e alto-falante, Controles intuitivos, Estéreo de 3,5 mm Entrada de Mic / Linha, Redução de pico e limitador, Porta USB 2.0, Bateria ou USBPower

CAPITULO 1: O Lar

A Associação de Amparo aos Idosos de Foz do Iguaçu “Lar dos Velinhos Antônio de Aguirra foi fundada em 26 de setembro de 1983, quando um grupo de pessoas na residência de Antônio Aires de Aguirra se propôs a criar um abrigo para idosos residentes em Foz do Iguaçu.

Cinco dias após o início de seu funcionamento, em 13 de dezembro de 1986, a entidade acolheu seu primeiro idoso. Mas o curioso é que o Lar dos Velinhos foi inaugurado somente em 09 de junho de 1990!

Desde o final de 1986 ao início de 2013 a instituição foi coordenada pelas Irmãs Maria dos Santos Carqueija e Terezinha Donata de Souza, que dedicaram longos 26 anos de vida ao Lar dos Velinhos, superando diversos espetáculos e vencendo desafios.

Dentro deste período, em 2010, Clóvis Augusto Aires Quadros, membro da atual diretoria, passou a administrar a entidade junto com Ir. Maria. Nessa época, Visitación Antonia Ferreira (Mamy) foi convidada para ser voluntária, que passou a contribuir com muitas melhorias.

Com a saída da antiga administração em março de 2013, Visitación (Mamy) passa a coordenar a entidade, com a filosofia de dignificar o atendimento ao idoso, exercendo um importante papel na história do Lar até hoje.

Neste capítulo serão abordados temas como o diário de campo, perfis dos idosos e identidade mantendo o diário de campo ligado com as outras duas temáticas que abordaremos tentando deixar a experiência de uma primeira etnografia entrelaçada com o capítulo inteiro. (<http://ladosvelinhosfoz.com.br/sobre/>)

Diário de campo e Perfis:

1 de abril:

Hoje é a terceira visita no asilo Lar dos Velinhos. Na última vez, no dia 26 de março, cumprimentei vários velinhos; hoje vou ficar mais tempo e tentar falar com alguns deles, embora esteja um pouco nervoso com respeito ao meu sotaque e meu português.

Na última vez percebi que eles falam com muita nostalgia, provavelmente dos lugares onde os idosos moravam antes. Vou tentar falar com a máxima clareza possível e até tentar me aproximar ao máximo ao sotaque do

Paraná, pois parece ser que sem esse sotaque os idosos não conseguem me entender direito.

Desta vez fico nervoso pois minha experiência prévia em entrevistas é apenas no jornalismo e sou consciente que para entrevistar os idosos precisarei de outro tipo de abordagem menos direta. Apesar de levar algumas perguntas preparadas não sei como vão a reagir a cada pergunta.

Tenho o gravador pronto antes de me dirigir a algum indivíduo. Testarei o alcance do microfone procurando fazer uma captação clara. Tinha pensado várias vezes em pendurar a gravadora ou esconder a gravadora no meu bolso, mais tomei a decisão de levar ela comigo e mostrar para os idosos para que eles não se sintam invadidos.

Reflexões após visita: Ao entrar pela porta aconteceu a mesma coisa que já tinha acontecido a primeira vez que fiz a visita, nenhum dos velhinhos que estava na entrada me cumprimentou de volta, mas parecia que vários deles me reconheceram, certamente pelas vezes que já vim aqui.

Depois de me identificar com a secretária fiquei muito nervoso com todos os velhinhos olhando para mim. Então achei um deles, que estava sentado lendo o jornal. Imediatamente fui cumprimentar ele e tentar bater um papo sobre o que ele estava lendo.

Falo com ele e o primeiro problema surge imediatamente: não entendi o seu nome. Ele comenta comigo as notícias do jornal, percebo que é uma pessoa que não concorda com o fato de ter sido construída a Ponte da Amizade. Me conta que ele nunca estudou, mas que mesmo assim ele sabe ler e escrever perfeitamente e lê para mim um fragmento do jornal, e surpreendido pergunto: “- é serio??”, e ele começa a contar sua historia.

Puxar assunto: O velhinho já repetiu para mim mais de 3 vezes a mesma historia. Pode ser tempo de puxar assunto, ele fala que gosta sim de musica gaúcha, que canta musica gaúcha mas não esta a fim de cantar, é hora de conhecer mais pessoas e deixar ele em paz por hoje.

Falei com dois velhinhos mas eles só responderam aos cumprimentos e ao “bom dia”. Seguinte passo: me aproximar da sala de TV e tentar falar com algum dos velhinhos (estão quase todos dormindo). Um deles me convida a sentar do seu lado. Fiz a abordagem com sucesso, consegui entender que é do interior de São Paulo, um colega comenta que ele é novo no asilo. Diz gostar de música sertaneja e sinaliza o rádio na recepção. A comunicação entre nós dois é precária pelos problemas de escuta e de fala do velhinho.

O indivíduo começa a cantar uma música. Ele diz: “sertaneja”. Não consigo entender o que ele diz, apenas algumas palavras: “Paranagua”, “argentina”, “brasileiro”, “eu sou”.

Depois consegui falar com 2 velhinhos mais, que me comentaram que eles não cantam, mas sempre escutam o rádio que, segundo eles, está sempre ligada. Os velhinhos falam também de constantes visitas ao asilo por músicos da região e falam de um baile que o asilo faz uma vez por mês, ocasiões em que há música ao vivo.

Nota pessoal: não consegui falar nem recebi um cumprimento de volta das idosas no asilo, poderia ser desconfiança ou uma questão relacionada a princípios morais antigos?

8 de Abril:

(Notas de voz) Quarta visita ao local. Nesta oportunidade vim com a minha namorada para poder identificar se o fato das velhinhas não falarem comigo nem olharem para mim é uma questão de gênero ou de desconfiança. Minha namorada aproximou-se com meu celular conectado a um microfone de lapela, eu com a gravadora, antes de começar dou as orientações das perguntas e da abordagem, explico minha dúvida com respeito às idosas.

O grupo de idosos que me conhece não está no lugar de sempre. Tentarei aproveitar isso para explorar um pouco mais os outros espaços do asilo. Encontro alguns idosos fumando do lado de fora, mas tentarei falar com outros na sala.

Mais uma vez alguns deles apenas me cumprimentam. Percebo que responder a um cumprimento pode ser uma questão de respeito entre os idosos, mesmo eles não querendo falar comigo.

Minha namorada parece estar constrangida mas tentando se aproximar de uma velhinha, tentarei dar umas dicas para ela se aproximar e começar uma conversa. O velhinho Gaucho esta sozinho no sofá, tentarei puxar assunto para ver se consigo fazer ele cantar. Primeira musica do gaúcho. Fiquei tão empolgado que não prestei atenção na letra.

Sujeito 1 (como o chamarei daqui pra frente) está constantemente lendo o jornal. Quando ele fala, seu bigode se mexe para acima e para abaixo. Ele repete uma historia que parece lhe dar muito orgulho, a história de como ele aprendeu a ler, adicionar, subtrair, dividir sem ter feito o ensino fundamental e médio. Este fato o faz sentir orgulhoso de si mesmo. Quando fala disso, não pode faltar o estufar do peito. E depois começar a falar do Rio Grande do Sul, sua região de origem.

O velhinho “gaúcho”, às vezes, durante a leitura diária do jornal, lembra da sua passagem pelo exército de Rio Grande do Sul e faz a continência militar, lembrando-se mais uma vez que para fazer o serviço militar era necessário saber ler e escrever e novamente estufa o peito ao lembrar que ele sabia ler e escrever melhor que muitos dos seus colegas no exército, segundo a versão dele.

Vou falar com os velhinhos que estavam fumando do lado de fora. Eles não cantam, no entanto, falam todos de musica sertaneja. O **Sujeito 1** chega, e de alguma forma completa a musica que acabou de cantar faz alguns minutos. Com um recitativo prévio à musica, e falando da vida de um músico, segundo ele gaúcho, de nome Teixeira (confiro posteriormente que ele é um ícone da cultura gaúcha da década dos 50's e 60's segundo o próprio sitio web em homenagem ao cantor e o site de wikipedia).

Sem necessidade de uma pergunta direta, **Sujeito 1** lembra da rádio onde escutava as músicas do falecido cantor gaúcho e então se levanta do sofá com dificuldade e devagar. Ele é um velhinho de estatura média com um corpo

robusto mais ao caminhar como a maioria dos seus colegas de asilo se afasta andando devagar e pausado, uma das adversidades físicas da idade.

Hoje a visita terminou mais cedo. Chegamos às 10h e aparentemente o almoço é às 11h30. Minha namorada confirma que conseguiu falar com uma velhinha e gravar ela quase cantando uma música da rádio.

Resumo da Visita: aparentemente, o problema de falar com as velhinhas parece ser uma questão de gênero. Eu presumo tenha a ver com algum conceito antigo de respeito ou até de medo com os homens.

Segundo a minha namorada, e pelo que se escuta na gravação, a velhinha seria do Paraná. Não canta, mais provavelmente foi a única em ter a experiência de haver assistido a um show de sertanejo universitário ou algum desses repertórios mais modernos. Toda a fala da velhinha sobre música parece estar relacionada com a rádio da recepção.

Sujeito 4 (como chamarei a velhinha) caminha pausadamente, como a maioria dos seus colegas, porém além de ser um efeito da velhice, parece caminhar como se estivesse em uma nuvem. Quase dá para imaginar ela em outros tempos, mais nova e com o sorriso que a caracteriza. Sujeito 4 sempre senta no mesmo sofá a escutar as músicas sertanejas que ela gosta e fazem lembrar da vez que ela foi em um show de um cantor sertanejo.

A única velhinha do asilo que concordou em participar da pesquisa, apresentou sempre uma boa disposição. Me pareceu perceber, durante as visitas ao lar, que tinha um cuidado especial pela aparência, talvez como forma de carinho ao mundo, refletindo um gosto pela estética feminina do cinema dos anos '50. Por outro lado, mesmo não sabendo as letras das músicas que escuta na rádio, ela sempre acompanha a melodia cantarolando com muita atenção.

Consegui além identificar e ler um pouco do mencionado Teixeira, parece ser um símbolo da música gaúcha, só não fui capaz de achar a música com a letra como foi cantada pelo idoso.

15 de abril:

(Notas de voz): Tenho a sensação de estar limitando-me simplesmente ao grupo de velhinhos que mais me conhecem e com os que mais falo. Preciso interagir com outros idosos que normalmente não falo.

Hoje a visita provavelmente vai ser rápida, pois percebi agora no onibus que deixei ligada a gravadora 3 dias inteiros e tenho pouca bateria. Estou chegando no Lar sexta 15 de abril 9 horas da manhã vamos começar.

Notas de voz após visita: Hoje foi uma visita diferente, pois alguns dos idosos com quem sempre falo não estavam, tinham saído para dar uma volta.

Justamente hoje tive que enfrentar minha preocupação de sair do grupo de idosos com quem sempre falo para não criar um padrão de visitas. Hoje consegui falar com alguns velhinhos que me confirmaram o gosto pela música gaúcha e sertaneja. Da mesma forma, os idosos entrevistados hoje são da região sul. Os idosos entrevistados coincidem no fato de escutar rádio e de ter escutado muita rádio antigamente.

Hoje conheci um idoso que cantou para mim o que ele chamou de “cantiga paranaense”. Não consegui entender mais que algumas palavras da gravação, porém, percebi que a forma dele cantar é diferente das interpretações que já escutei até agora.

Sujeito 5 (como o chamarei), é um idoso que gosta muito de falar com as pessoas que visitam o asilo. Ele pode ser considerado um daqueles velhinhos com sede de sociabilizar e de ser escutado. Nas outras vezes que eu passei perto dele mostrou-se tímido como a maioria dos idosos do asilo.

Hoje consegui sentar no mesmo sofá que ele. Foi uma das entrevistas em que consegui chegar com mais facilidade aos assuntos musicais. **Sujeito 5** diz ser originário do interior do Estado do Paraná, sem saber dizer exatamente de que parte. Mas ele sabe exatamente a musica que vai cantar. Mesmo sem saber o nome da canção, ele me diz ser uma “cantiga paranaense”.

Sujeito 5 canta com ombros levantados e cabeça abaixada, olhando para mim, para ver se é do meu interesse o que ele está falando. A emoção no seu rosto é diferente à dos outros velhinhos já entrevistados, pois parece

(segundo ele diz) se sentir sozinho no asilo. Mas também percebo que ele tem a intenção de me mostrar a canção e cantar para mim pelo que suponho que provavelmente deve ter sido avisado por algum dos outros velhinhos da minha pesquisa ou meu interesse por saber o que eles cantam ou as músicas que eles gostam e esse pode ser o motivo para sua insistência.

Minha ideia de ele ter sido encorajado por colegas do asilo a cantar para mim me faz pensar que entre seus colegas ele tenha algum tipo de fama por ser o cantor da turma ou do asilo como previamente alguns dos funcionários do Lar já me confirmaram.

Antes de sair encontrei o idoso de São Paulo que cantou novamente para mim a música do porto de Paranaguá. Desta vez consegui um melhor registro e uma gravação mais clara.

Sujeito 2 (como o chamarei) é de caminhar pausado e sereno. Dá risada com cada palavra que sai da boca, se emociona com o contato humano. Escutar e compreender o que fala **Sujeito 2** é uma tarefa difícil pois é uma pessoa calma que fala baixo e pausado como seu caminhar. Originário do interior de São Paulo, segundo as próprias palavras dele e de alguns dos seus colegas ele é um dos mais novos membros do asilo.

Sujeito 2 esta sempre caminhando pelo asilo, sem falar com as pessoas. Um desejo dele é viajar e recorrer o Brasil inteiro. Com uma atração peculiar pelas coisas que não conhece, o seu primeiro instinto é sempre perguntar qual é o valor dessa coisa.

Quando se trata de música, como se fosse um conhecedor da melhor musica do mundo, por um breve momento corrige a sua postura e canta a sua canção favorita: *Porto de Paranaguá* sorrindo e cantando rápido. É difícil entender a letra da música. Tentei fazer uma anotação durante a entrevista e ele não gostou do fato de eu escrever durante a nossa conversa pelo que acho melhor estas anotações de voz durante as visitas.

Sujeito 2 não gosta de falar dentro do asilo por motivações que só ele conhece. Por causa disso, para falar da sua vontade de viajar, para cantar e sair

do asilo ele acostuma falar muito “vamos sair, vamos sair” repetidamente para poder falar dos seus sonhos, aventuras e desejos.

Hoje fui com a minha jaqueta de couro e percebi que muitos não gostaram ou ficaram me olhando estranho por causa da minha roupa pelo que a próxima vez terei que cuidar desse tipo de detalhes.

6 de Maio:

Nota de voz: se passaram 2 semanas da última visita. Nesse período não conseguir ir para o asilo pois estava com gripe e senti medo de contagiar os idosos.

Neste tempo sem ir a campo tive tempo para refletir e analisar as gravações prévias. Novamente estou à procura de uma idosa com quem falar para enriquecer minha pesquisa. Provavelmente vai ser difícil achar uma idosa que aceda a dar entrevista, pois parecem ter algum tipo de desconfiança com homens com quem não convivem.

Pelas minhas lembranças familiares, acredito que pode ser melhor fazer perguntas com relação a música de igreja, pois meus avós gostam desse tipo de gênero.

Após visita (nota de voz): Nesta visita infelizmente não consegui material novo por parte dos idosos. Ao entrar no asilo foi evidente que algo estava diferente, os idosos não estavam na recepção, nem nas salas de tv ali perto. Depois de certo tempo percebi que o rádio estava desligado e provavelmente tenha sido essa a explicação pois além desse detalhe tudo no asilo estava funcionando como de costume.

Depois de um tempo cumprimentando todos os velhinhos (que já me reconhecem) percebi que mais pessoas começaram a ocupar os espaços da recepção mesmo a rádio estando desligada. Foi então que percebi o canto de uma mulher encarregada de fazer a faxina que, quando falei com ela, me comentou que cada vez que ela limpa, ela canta e alguns idosos gostam de cantar junto ou simplesmente de prestar atenção.

Sujeito 3 (como a chamarei) é uma mulher de aparência humilde que trabalha fazendo a limpeza como outras pessoas no asilo, mas algo a diferencia das outras pessoas que trabalham no Lar: ela canta durante o serviço.

Sujeito 3 canta e sabe que esta sendo escutada pelos velhinhos do lar por isso canta alto e forte. Ela sabe que alguns dos velhinhos gostam de cantar e se sentir acompanhados por alguém que fale de religião e de deus por isso ela canta forte e alto. Ela canta para passar o tempo e para tentar animar os idosos no asilo. Como ela mesma diz, alguns dos idosos gostam de acompanhar as músicas que ela canta e de se sentir pelo menos por um momento parte da música.

Ela canta a música *Alma abatida*, uma música gospel, de culto cristão evangélico, mas que na voz dela soa de forma diferente às das gravações que vi na internet. A forma como ela interpreta a música me lembra mais de uma música como o bolero. Nas minhas visitas, o pessoal que faz limpeza no asilo não tinha cantado ou pelo menos não na área de visitas, pois os visitantes não temos acesso aos quartos dos idosos. **Sujeito 3** interage com os idosos da mesma forma que seus colegas de trabalho, mas seu trabalho está acompanhado de música.

Ela comenta que os idosos gostam muito de escutar rádio e mais ainda de escutar as músicas sertanejas e gaúchas. Salienta que normalmente a rádio que fica na recepção permanece ligada. Comenta que os idosos gostam muito de cantar ou escutar canções religiosas, por isso ela compartilha as músicas que diz vir do coração para com eles.

Depois de deixar de cantar novamente a recepção ficou um pouco vazia o que acrescenta uma importância ao elemento da rádio como um possível disparador de memória, sociabilização ou simplesmente de conforto.

Os moradores do asilo são idosos como muitos outros com histórias interessantes, de outros tempos e outros lugares, embora a maioria deles sejam da região sul do Brasil cada um dos idosos é um universo diferente. O envelhecer socialmente é um processo de desgaste físico e mental, segundo Motta (apud Guerra 2010). O envelhecimento, no imaginário social, é um processo de desgaste físico e perda de papéis sociais, além do deterioro no corpo dos idosos como encolhimento, o enrugamento, a perda da escuta e outros tipos de efeitos físicos.

Avaliando o peso destas adversidades, é possível entender como uma simples conversa com algum dos idosos no asilo trouxe vários desafios, como a necessidade de repetir as perguntas várias vezes, ou de perguntar mais de uma vez para entender as coisas que os idosos falaram.

Guerra (2010 P.2932) menciona varias vezes o preconceito como um problema generalizado em termos de imagem social da velhice relacionando-a diretamente com conceitos como doença, dependência e fealdade, o que leva os próprios idosos a recusar termos relacionados à idade ou velhice.

Um dos fatores para considerar a velhice de um indivíduo, segundo Guerra (2010 p. 29-33), é a perda da capacidade laboral, pois na sociedade capitalista atual a não pratica laboral ou a perda da capacidade para trabalhar é um fato que retira o indivíduo da produtividade, entendida a grosso modo como um fator relacionado à uma faixa etária, embora haja as situações de invalidez. Entendendo estes pontos, os moradores do asilo onde foi feita a pesquisa e provavelmente de outros asilos têm, além dos seus problemas físicos, emocionais e psicológicos o estigma da sociedade referente ao termo velhice.

Entendendo a realidade pós-moderna da sociedade onde, como diz Molina (2008 P.15), o tempo parece dar a sensação de um *presente continuo*, o asilo onde foi realizada a pesquisa, ao contrário, representa um espaço diferenciado da temporalidade onde o tempo parece se movimentar mais devagar sem a influência dos elementos tecnológicos da pós-modernidade.

Como diz Molina (2008 p,13) um dos pilares da pós-modernidade é a globalização que também se aplica a indústria cultural, neste caso à música. Mas as vivencias de música dos idosos é diferenciada do restante das pessoas que

habitam fora do asilo, tendo em conta a pouquíssima proximidade com a tecnologia que eles têm, o aparelho electrónico que se destaca por sua relação mais estreita com o cotidiano dos velhinhos é o rádio, que constantemente está ligado no *Lar*. É o aparelho que liga os idosos com a musica.

A RÁDIO: Ao longo das entrevistas e da convivência no asilo foi possível observar um elemento recorrente em todos os entrevistados, em varias situações e em muitas das histórias dos idosos: a *rádio*, como elemento presente na memória dos idosos é no dia a dia do asilo.

Considero o radio uma presença constante entre os idosos, um elemento que ativa dois tipos de memoria por um lado a memoria psíquica que no caso do **Sujeito1** ajuda a estabelecer conexões com lembranças mais também um tipo de memoria chamado *memoria-habito*. Bossi⁷ (1979) emprega este conceito para definir um tipo de lembrança construída com as ações do dia a dia do idoso. Estas memórias são acionadas pelas atividades constantes que no caso, acredito, possa ser a *rádio* que permanece ligada o tempo inteiro.

Entendendo a *rádio* como um elemento recorrente do asilo, um gestante de *memoria-habito* é pertinente também falar da radio como um elemento de construção de lembranças musicais neste caso, pois pareceria ser o único elemento mais relevante que qualquer outro já apresentado na pesquisa pela referencialidade de cada um dos idosos. Segundo Le Goff (Apud Ferreira,1995) a memoria tem a capacidade de conservar informações passadas e leva-las a funções psíquicas, neste caso a música na radio.

Uma das coincidências que me leva a dar tanta importância na radio é o fato de todos os entrevistados terem uma origem humilde no interior dos estados de Rio Grande do Sul, São Paulo e Paraná. Nos seus relatos das suas experiências

⁷ Graduação em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1966), mestrado em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (1970) e doutorado em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (1971). Atualmente é professor emérito da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Social, atuando principalmente nos seguintes temas: psicologia, memória, cultura. Coordenadora da Universidade aberta à terceira idade. Autora de *Memória e Sociedade, Cultura de Massa e Cultura Popular. Leituras de Operárias, Velhos Amigos ,o Tempo Vivo da Memória e a Antologia Simone Weil*.Recebeu o título de Professor Emérito em outubro de 2008. Prêmio internacional *Ars Latina* 2009 por *Memória E Sociedade*. Prêmios "Loba Romana" do ano Brasil-Itália 2011 e "Averroes" 2011.

de vida eles revelam ter vindo de fazendas e terem tido acesso à música através do rádio.

Uma das experiências que me levou a pensar com mais seriedade na **rádio** foi o **Sujeito 1** e **Sujeito 4**, pois eles dois, mesmo durante a entrevista, prestavam atenção na música da rádio, e cantarolavam mesmo sem saber a letra algumas das músicas em voz baixa.

O **Sujeito 4** foi muito clara na entrevista sobre quanto é importante para ela escutar rádio todos os dias. Ela dizia se sentir bem quando escutava rádio. O depoimento do sujeito 1 e a biografia dada por ele do falecido cantor Teixeira me fez pensar em como um cantor gaúcho que fez sucesso ao nível de outros personagens da música latino-americana como Carlos Gardel (Argentina), Pedro Infante (México), o que me leva a pensar que o único contato com a música de Teixeira poderia ser pela **rádio** e também ao ser um elemento constante na convivência do asilo pode ajudar na preservação da memória musical.

MUSICA COMO EXPRESSÃO DE IDENTIDADE

A identidade é um conceito que faz parte da modernidade. Molina (2008) deixa claro que os meta relatos e as ideias de origem e nação são próprios da modernidade. Por sua vez, a pós-modernidade tem se dedicado a desconstruir estes conceitos. Podemos supor que para quem tiver um olhar pós-moderno a questão da identidade não seria uma possibilidade nesta pesquisa. No entanto, considero que os sujeitos do asilo por ter o que chamei de uma temporalidade diferenciada se encaixam dentro dos parâmetros de identidade nos seus repertórios, relatos e demais.

Entendendo as críticas da pós-modernidade, Hall (2003) se refere à identificação como outra forma de se falar em alguma forma de reconhecimento sobre um lugar em comum: uma ideia ou, neste caso, um repertório que bem pode ser individual ou coletivo.

Em base às entrevistas realizadas aos idosos do asilo foi possível determinar uma característica comum em relação à música e os lugares de onde eles vêm. Como já foi dito previamente nos perfis, os idosos entrevistados dizem ter morado no interior dos estados originais. Sendo mais pontual: aqueles idosos que cantaram ou falaram de uma música em específico mostram pela canção e pela entrevista um sentimento de ligação identitária com uma região, como no caso do **Sujeito 1** que parece repetir constantemente os fatos ou as características que fazem dele um gaúcho.

Esta necessidade de mostrar uma identidade faz parte de uma característica do período que os formou como pessoas, já que como diz Molina (2003), ao explicar a diferença entre a modernidade e a pós-modernidade, entende-se a modernidade como um período em que havia uma necessidade de reafirmar um nacionalismo ou regionalismo.

Da mesma forma o Sujeito 2 ao cantar a música do porto de Paranaguá deixa em claro, mesmo cantando uma canção que faz referência a um porto do litoral paranaense, a canção foi composta por uma dupla sertaneja o que implica no reforço de uma identidade regional do interior paulista.

A questão da identidade se transforma em um ponto crítico no asilo e na vida de um idoso pois ele pertence à modernidade em um momento diferente

da história, uma identidade reforçada em cada interpretação musical. Mas a identidade pode ser transformada em um problema fora do asilo, no mundo pós-moderno, como nos explica Bauman (2003) em *Cuestiones De Identidade Cultural*, em que ele se refere à identidade da modernidade como concreto e aço e na pós-modernidade como um plástico biodegradável.

Para o autor, pensamos em identidade quando não sabemos nosso lugar de origem ou como forma de nos situarmos na realidade atual. Isto, em minha opinião, poderia explicar o porquê dos idosos se identificarem a si mesmos através de regionalismos e musicas que representam ou falam do lugar de onde eles vem. No caso dos sujeitos entrevistados podemos falar de outra identidade que comparte entre si os idosos do asilo que é a identidade caipira pois segundo as entrevistas os sujeitos afirmaram ter um origem do interior de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul o que na minha opinião estabelece uma conexão mútua com os repertórios e as historias de vida dos sujeitos.

Bauman (2003) chega a comparar a identidade moderna a um peregrino que se esforça por construir e manter firme sua identidade do lugar ao que pertence. Por outro lado, fala também do turista, do vagabundo, como figuras representativas da identidade na pós-modernidade, que evitam constantemente uma fixação a um lugar ou neste caso a uma identidade. Surge daí um questionamento ao pensarmos no isolamento dos idosos: ao perder a capacidade de acompanhar os mais novos, poderia este isolamento, além de ser uma consequência social, ser também um meio de preservação da própria identidade?

Não tenho uma resposta clara para essa pergunta, mais é evidente que há uma necessidade, por parte dos idosos, a se aferrar a este tipo de conceitos e visão de vida enxergando isso como sua própria identidade. É claro que poderia se falar de muitas outras ligações com a identidade, até de um certo hibridismo, mas é importante lembrar que os idosos fazem parte da modernidade e seria um juízo de valor muito ousado da minha parte descontextualizar com minha visão e vida pós-moderna aos idosos em uma tentativa de encaixa-los na minha perspectiva.

Capitulo 2: Analise Após o trabalho de campo

Neste capítulo faremos uma análise global da experiência de campo envolvendo as interpretações dos idosos com algumas versões instrumentadas das canções como comparação e tentando não perder o foco da pesquisa para entender que motiva aos velhinhos a cantar.

Posto que o objetivo da pesquisa é saber porque cantam os velhinhos, essa análise foi feita com o diário de campo, que brinda detalhes das visitas ao lar dos velhinhos. Este trabalho é complementado com a análise da parte técnica das gravações. Estas análises serão feitas utilizando o software Adobe Audition⁸ que permite observar o gráfico de onda.⁹ Também fizemos uma análise com espectrograma¹⁰, com o software Acousmographie, onde poderá ser discutida questões como harmônicos, linha melódica, etc.

O programa permite separar estratos da gravação e mostrar partes da música ou do fragmento escolhido, configurando-se como uma ferramenta útil para músicos e não músicos para trabalhos de análise de áudios.

Depois do trabalho de campo e das reflexões do mesmo escolhi três canções que pessoalmente acredito representam pontos importantes da pesquisa, em relação aos tipos humanos encontrados no asilo, ajudando a entender como estes sujeitos constroem seus processos de identidade, através do gênero musical, refletindo também os momentos históricos que marcaram suas vidas.

Cada uma das músicas será abordada desde a comparação com a música original (na medida do possível), a performance, e o perfil do entrevistado para poder determinar correlações ou diferenças importantes entre si.

⁸ Aplicação em forma de estúdio de som destinado a edição de áudio de Adobe Systems Incorporated que permite tanto um entorno de edição mixado de ondas multi-track.

⁹ Gráfico de onda é a representação visual da onda sonora gerada pelos programas de estúdio de gravação.

¹⁰ O espectrograma é o resultado de calcular o espectro de camadas de um sinal de áudio. Resultante uma gráfica tridimensional que representa a energia do conteúdo das frequências do sinal segundo varia ao longo do tempo.

Analise das Performances

Gaúcho de passo Fundo: a versão original desta música é do falecido cantor Teixeira, representante da identidade gaúcha brasileira, segundo a biografia no sitio web que homenageia o autor.¹¹O cantor foi conhecido por tornar a música gaúcha famosa no Brasil inteiro sempre representando ou falando da cultura gauchesca. O músico, também ator, fez vários filmes com a produtora que ele criou em 1970.

A música *Gaúcho de Passo Fundo*, do álbum *O Gaúcho Coração do Rio Grande*, descreve na letra um esteriótipo gaúcho mais especificamente da cidade de Passo Fundo Rio Grande do Sul.

"GAÚCHO DE PASSO FUNDO"

Vitor Mateus Teixeira - Teixeirinha

Me perguntaram se eu sou gaúcho.

Está na cara repare o meu jeito

Sou do Rio Grande lá de Passo Fundo

Trato todo mundo com muito respeito

Mas se alguém me pisar no pala

O meu revolver fala e o buchicho está feito

Não sou nervoso nem carrego medo

¹¹ <http://www.teixeirinha.com.br/biografia.php> Acesso: 14/06/2016

Eu me criei sem conhecer remédio
Eu meto dos peito em qualquer fandango
Mas quando eu me zango
Até derrubo o prédio

Eu sou gaúcho se me agride eu tundo
Sou de Passo Fundo do planalto médio
Me perguntaram qual era a razão

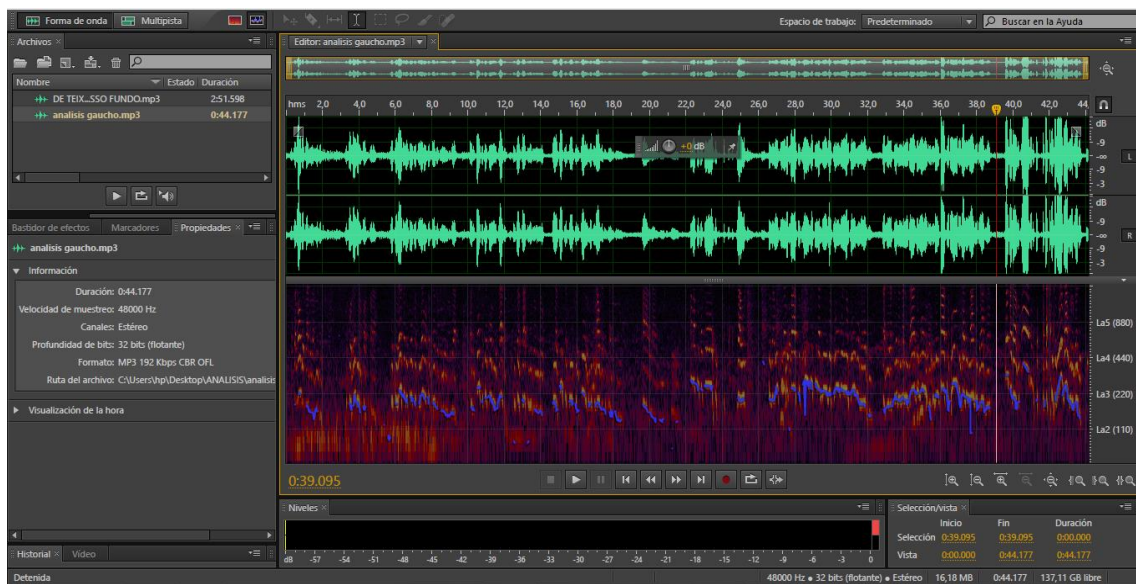
De eu ter orgulho em ser passo-fundense
Eu respondi sou da terra do trigo
Tem um povo amigo quando luta vence
É um pedaço do Rio Grande amada
Orgulha o estado e o povo rio-grandense
Já respondi a pergunta seu moço

Me dá licença vou encilhar o cavalo
Brasil a fora atravessei os estados
Troteando apressado vim tirando talo
Prá ver as prendas mais lindas do mundo
Cheguei em Passo Fundo No cantar do galo.

O velho, que chamo de **Sujeito 1** interpretou um fragmento desta mesma música com muita clareza e fidelidade em relação ao original. A seguir, uma análise espectral comparativa entre a versão original e a interpretação do idoso mostraram as similitudes e diferenças na interpretação.

Em esta imagem espectral da interpretação (figura 1) do **Sujeito 1** pode se perceber uma imagem de onda bastante homogênea. Isso quer dizer que a canção que ele interpretou não tem grandes mudanças ou momentos muito diferentes. É importante mencionar também que a metade do gráfico de onda é uma recitação do velho, prévia ao canto.

Figura 1: Espectrograma e gráfico de onda da performance de Sujeito 1



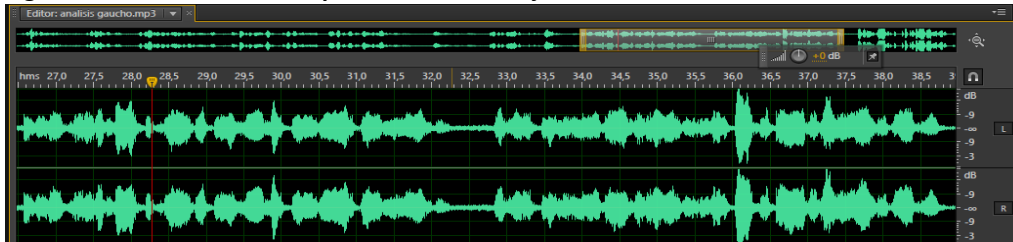
sou gaucho lá de passo fundo
se me agrade eu tumbo e não
tem remedio pra ver as prendas
mais lindas do mundo cheguei
em Passo já de madrugada

Sujeito 1

Em esta outra imagem (Figura 2) pode se apreciar as duas seções da interpretação cantada do idoso e como apesar de ter ataques um pouco diferentes, não deixam de ser similares em forma e duração, entre as características

em comum que tem essas duas partes há um crescimento de intensidade que nas duas partes alcança um pico (um ponto culminante de intensidade) justamente na mesma palavra “fundo”.

Figura 2: Grafico de onda da performance de Sujeito 1



É importante ressaltar que a interpretação do idoso foi sem instrumentação nem som de referência. Fato pelo qual pessoalmente considero surpreendente a homogeneidade e a afinação da interpretação.

Como pode se apreciar no espectrograma, (Figura 3) a quantidade de informação que acompanha a voz do idoso é pouca por ele ter cantado sem acompanhamento, é possível perceber também neste gráfico os harmônicos¹² em cada ataque e a linha da melodia em cor azul.

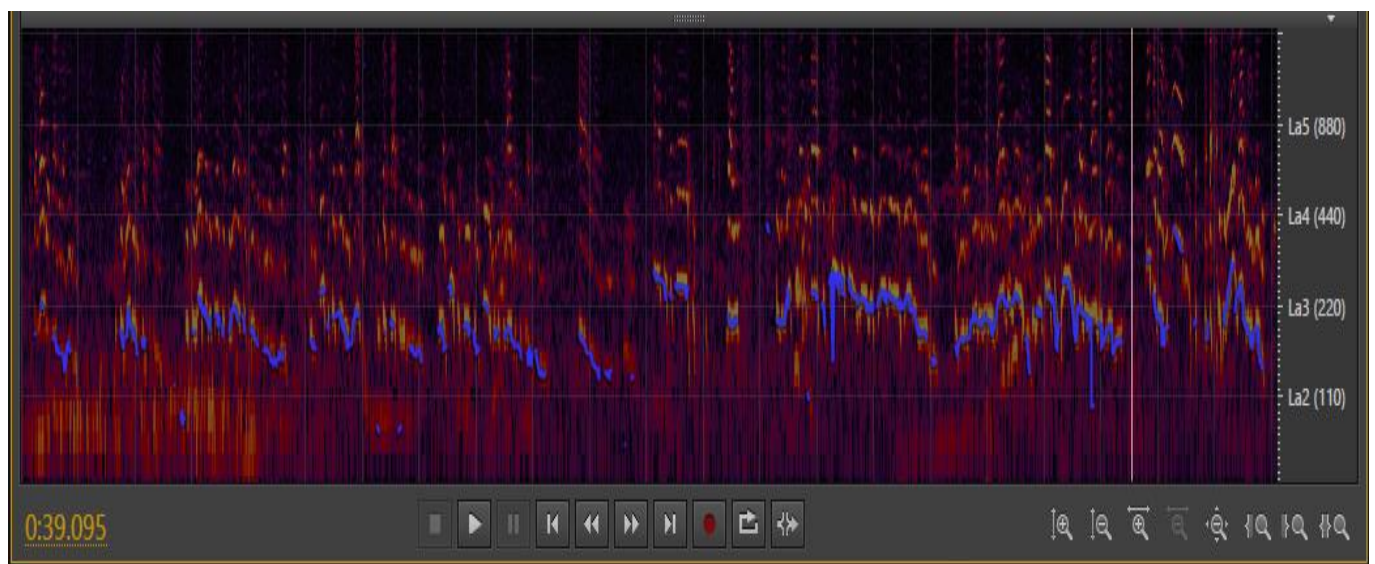
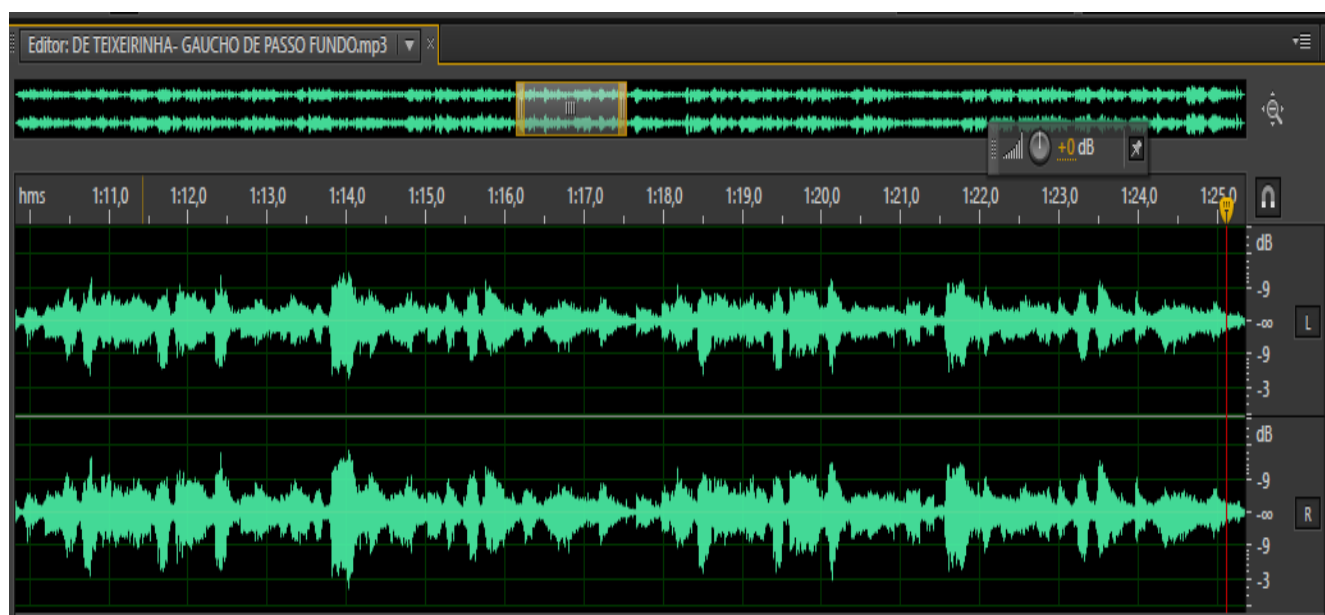


Figura 3: espectrograma da performance do Sujeito 1

¹² São os parciais superiores (frequências múltiplas) à nota fundamental (aquela que é percebida pelo ouvido).

Em este próximo gráfico de onda (figura 4) mostrarei uma gravação da versão original de Teixeira de *Gaúcho de Passo Fundo* para poder fazer um comparação com a interpretação do velho

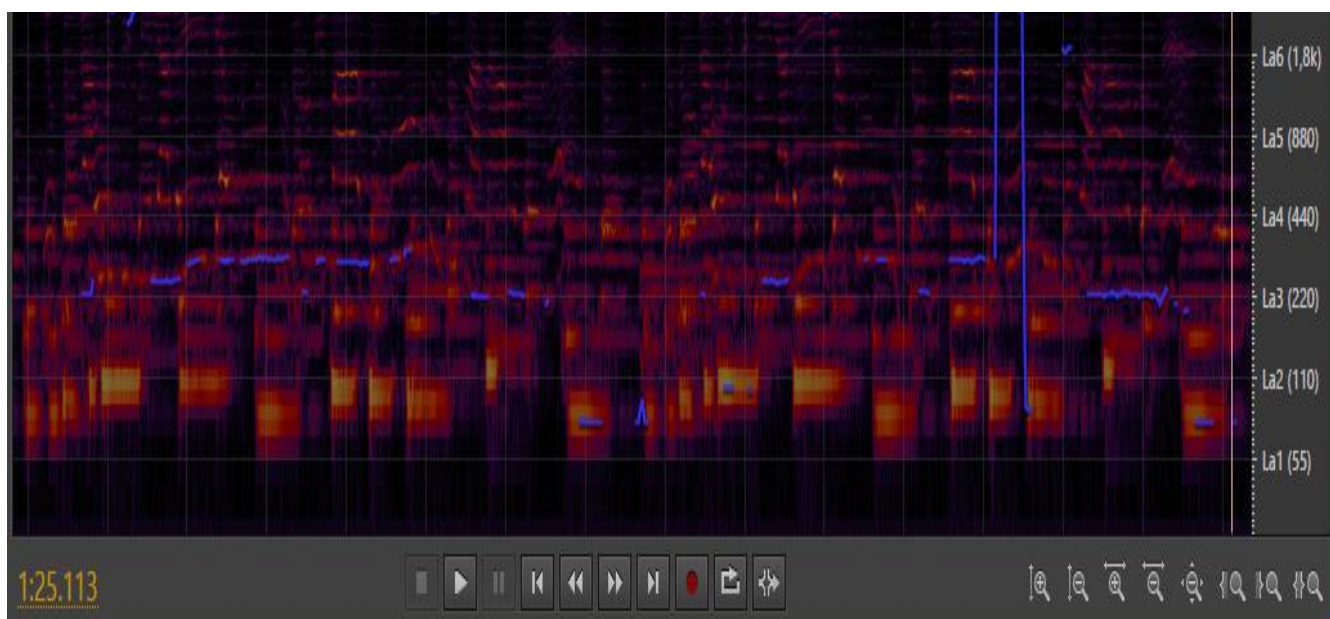
Figura 4: Gráfico de onda de Gaúcho de Passo Fundo versão Teixeira



No gráfico da figura em cima mostra-se um espectrograma de um fragmento da música *Gaúcho de Passo Fundo* do falecido cantor Teixeira. Inicialmente, é evidente observar que tem uma maior quantidade de informação pela instrumentação que tem nesta gravação obviamente gravada de forma profissional.

Novamente, como no gráfico de onda do idoso, aparecem dois picos na mesma palavra em que o idoso do asilo cantava e fez os ataques. Na gravação do idoso o descanso era muito evidente pela falta de acompanhamento instrumental o que na gravação original não é tão evidente, porém, também existe um momento de descanso. Como já foi mostrado no gráfico espectral do idoso acontece o contrario no gráfico do Teixeira, pois aparecem uma maior quantidade de instrumentação e harmônicos, o gráfico (figura 5) mostra uma maior quantidade de informação em comparação a gravação do asilo.

Figura 5: espectrograma Gáúcho de Passo Fundo versão Teixeira



Um dos fatos mais relevantes do análise com espectrograma foi a clareza e similitude da versão cantada pelo idoso, respeitando, tempos, tonalidade, melodia, ataques em relação a gravação original, o que mostra uma forte ligação com a memória musical desta canção e até de outras musicas do cantor *Teixeirinha*.

Porto de Paranaguá: Esta música pertence ao repertório da música sertaneja tradicional, também conhecida como música caipira do estado de São Paulo. A principio, ajuda a reforçar duas ideias após as entrevistas com o **Sujeito 2:** o gosto pela dupla sertaneja de interior de São Paulo deixa em claro que o origem descrito por ele na entrevista se relaciona a este fato e também ajuda a reforçar o fato do sertanejo ser um gênero junto com a musica gaúcha e a musica religiosa que os idosos no asilo preferem.

Palmeira e Luizinho foi uma dupla brasileira de música sertaneja formada pelos cantores Diogo Mulelo e Luiz Raimundo formada em 1946 depois da dupla Palmeira e Piraci se separar. Trabalharam juntos até 1953 quando a dufla se desfez. O projeto de Diogo Mulelo foi levar a sua musica pelo Brasi inteiro segundo

o sitio web *Recanto Caipira*¹³, as musicas da dupla parecem sempre falar de lugares de São Paulo, o que reforça a ideia de uma identidade paulista pelo **Sujeito 2**.

Porto De Paranaguá

Palmeira e Luizinho

Eu sou brasileiro e no Brasil inteiro
Levo minha vida sempre a viajar
Eu tive um prazer, foi de conhecer
O porto de mar lá no Paraná
E ver o navio de terra estrangeira
Quando vem chegando em terras brasileiras
Ele vem trazendo morenas faceiras
Que ficam no porto de Paranaguá.

Eu vi uma Argentina, seu nome é Regina
Que linda menina não posso lembrar
Do cabelo ondedado, do rosto corado,
Do corpo delicado que me faz penar
De mim despediu, entrou num navio
E o meu coração uma dor sentiu
Lgrimas do rosto dela caiu
E eu fiquei no porto de Paranaguá.

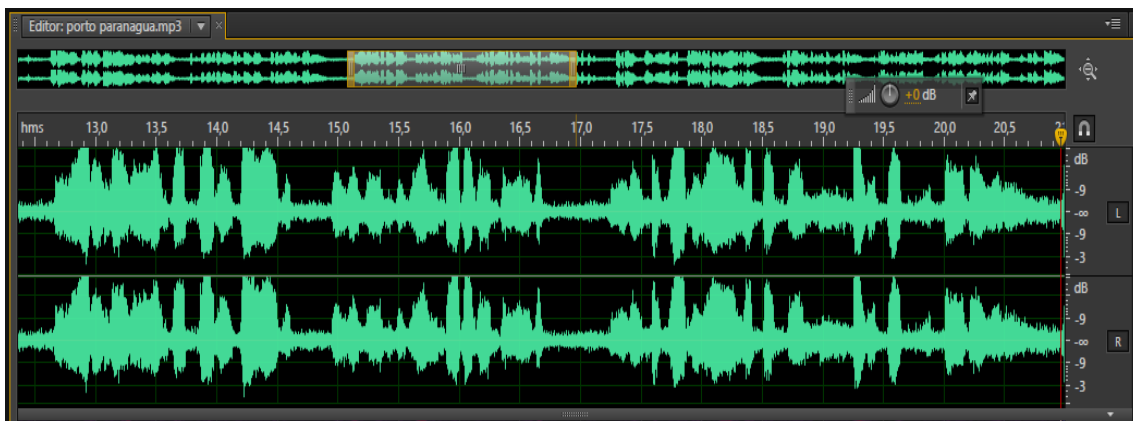
Eu não sou daqui, vou me despedir
Deste povo amigo, deste lugar
Levando saudade da linda cidade
Terra hospitaleira do Paraná
Aqui tem beleza e sinceridade

Pois eu vou embora mas levo saudade
A todos desejo mil felicidades
Ao querido povo de Paranaguá.

Nesta primeira imagem da interpretação do idoso pode se perceber quatro partes cada uma com um descanso entre as mesmas, percebe-se também um final que vai reduzindo intensidade

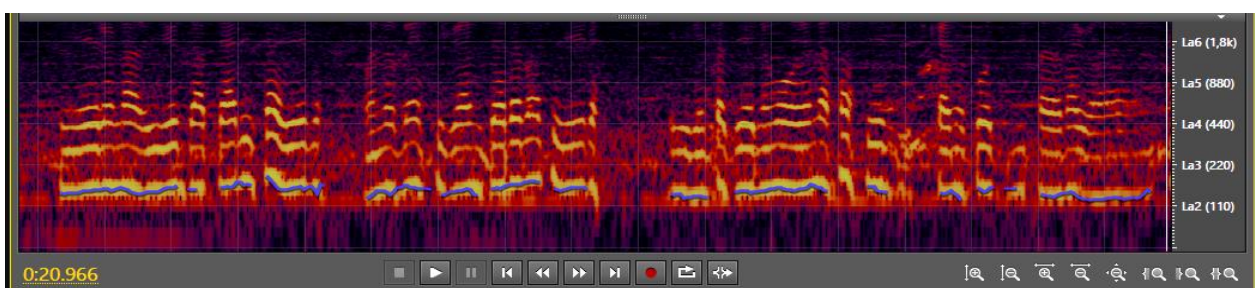
É possível perceber no gráfico de onda, na figura 6, que a interpretação inteira tem o padrão parecido de interpretação em toda a canção. Uma das características, e pela qual esta gravação é importante para minha pesquisa, foi o fato do idoso cantar a musica com a letra decorada e cantada sem alterações.

Figura 6: Grafico de onda da performance de Sujeito 2



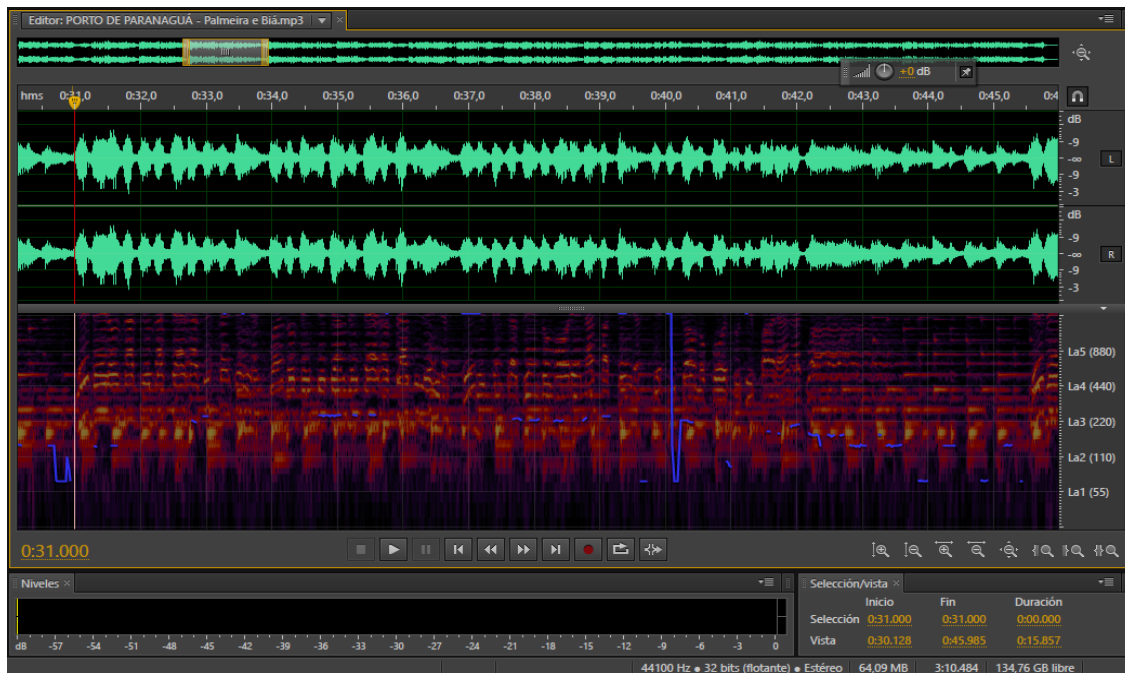
No espectrograma (figura 7) é possível perceber com muita clareza a linha melódica da voz cantada com seus harmônicos. O gráfico também mostra apenas essa informação pois foi cantada a capela. Este gráfico ajuda a entender o gráfico de onda da parte superior pois é mais claro ainda perceber as seções da musica.

Figura 7: espectrograma de performance sujeito 2



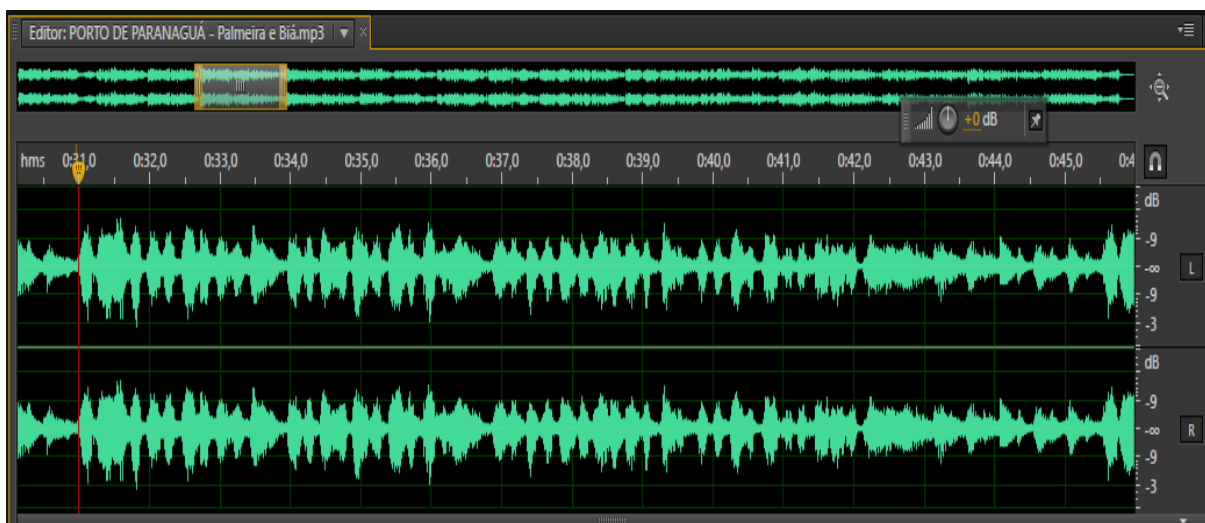
A seguir analisarei na imagem embaixo (figura 8) a gravação original da dupla sertaneja paulista Palmeira e Luizinho interpretando a canção Porto de Paranaguá, da mesma forma que com a interpretação do **Sujeito 1** foi escolhido um fragmento da gravação para poder fazer as comparações respectivas.

Figura 8: Espectrograma e grafico de onda de Porto de Paranagua da dupla Palmeira e Luizinho



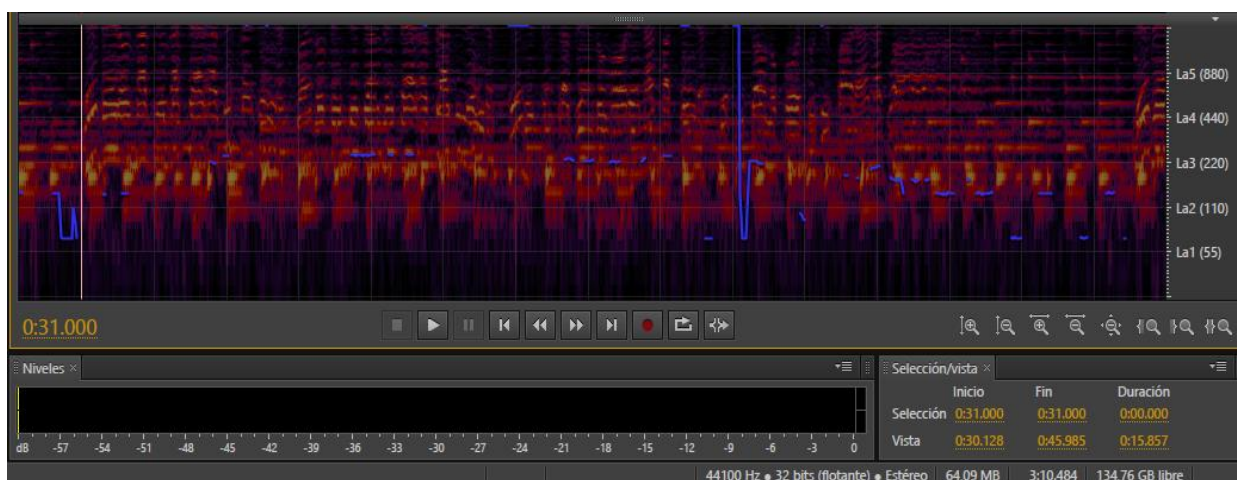
Na figura 9 podemos observar como dentro de cada parte da canção há uma subestrutura de uma frase que se repete duas vezes e depois uma seção instrumental que fecha essa seção, pode-se observar que entre cada repetição das frases tem um espaço onde diminui a intensidade, mas na parte da instrumentação a intensidade aumenta e vai diminuindo antes de começar a próxima parte da musica.

Figura 9: Grafico de onda Porto de Paranagua versão palmeira e Luizinho



Na próxima imagem de espectrograma (figura 10) é possível observar quase imperceptível a linha melódica na imagem pois tem uma instrumentação com maior intensidade. Desta maneira, ao contrário da imagem espectral da interpretação do idoso, a linha melódica apenas aparece na imagem, mas também em questão de informação é possível perceber como a imagem tem uma maior quantidade de informação, já que os harmônicos não são apenas das vozes mas da instrumentação.

Figura 10: espectrograma Porto de Paranaqua versão Palmeira e Luizinho



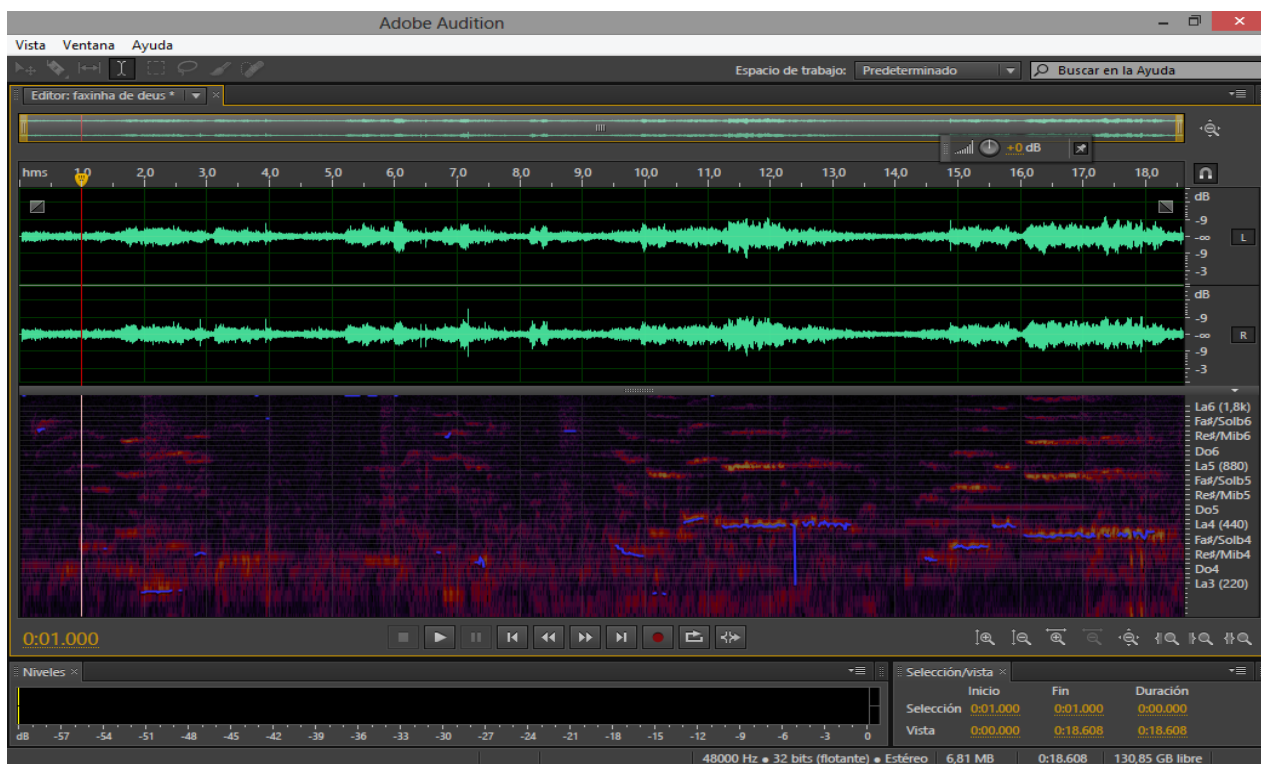
A importância desta música, e a diferença com a canção do **Sujeito 1** pode se encontrar principalmente no fato da letra mas que na interpretação, pois **Sujeito 2** consegue decorar a letra perfeitamente o que não acontece com o gaúcho que cantou *Gaúcho de Passo Fundo* com partes da música que ele escolheu aparentemente. O fato de decorar a letra sem mudanças ressalta o fato de um tipo ou uma memória seletiva que parece ter se mantido intacta.

Alma abatida: Esta gravação recolhe a interpretação de uma mulher que trabalha fazendo a faxina no asilo, no entanto, a gravação tem pouca qualidade pela forma como foi gravada, pois na tentativa de não atrapalhar o trabalho e pelas condições de visitas impostas pelo asilo, era impossível acompanhar a **Sujeito 3** pelos lugares que ela trabalha. É por isso que a gravação é curta.

A canção do **Sujeito 3** tem importância pela relação com a religião que todos os idosos entrevistados parecem ter e com a música religiosa, entenda-se cristã, católica, evangélica e demais, pelo que mesmo não sendo idosa ou moradora do asilo faz parte da paisagem sonora do asilo e do dia a dia dos velhinhos.

Sujeito 3: No gráfico de onda da figura 11 pode se apreciar o fragmento capturado do canção interpretada enquanto realizava o trabalho de limpeza. A primeira questão a perceber são as pequenas partes dentro do fragmento. Estas pequenas seções mostram também um movimento em crescimento de intensidade, apesar de ter sido gravada a uma distancia considerável é possível perceber como tem momentos com mais intensidade na interpretação. Na imagem (também na figura 11) do espectrograma é possível perceber a distancia e a intensidade da musica. No começo da gravação **Sujeito 3** estava longe do microfone (o que ficou registrado no espectrograma) ao não poder registrar a linha melódica. Mas na segunda parte aparece com força quando ela chega perto do microfone e é possível captar seu canto e as intensidades da música nos harmônicos.

Figura 11: Grafico de onda e espectrograma da performance do Sujeito 3



Alma abatida

Se tu minha alma, a Deus suplicas
E não recebes, confiando ficas
Em suas promessas que são mui ricas
E infalíveis pra te valer

Por que te abates, oh minha alma
E te comoves, perdendo a calma
Não tenhas medo em Deus espera
Por que bem cedo Jesus virá

Ele intercede por ti, minha alma
Espera nele com fé e calma
Jesus de todos teus males salva
E te abençoa dos altos céus

Por que te abates, oh minha alma
E te comoves perdendo a calma
Não tenhas medo em Deus espera
Porque bem cedo Jesus virá

Por que te abates oh, minha alma
E te comoves perdendo a calma
Não tenhas medo em Deus espera
Porque bem cedo Jesus virá

Terás em breve as dores findas
No dia alegre da sua vinda
Se Cristo tarda, espera ainda
Mas um pouquinho e o verás

Por que te abates oh, minh'alma

E te comoves perdendo a calma
Não tenhas medo em Deus espera
Porque bem cedo Jesus virá

Por que te abates oh, minh'alma
E te comoves perdendo a calma
Não tenhas medo em Deus esperar

Considerações finais sobre as análises:

As análises mostraram uma relação direta de cada uma das interpretações musicais com os diferentes tipos de memória, desde a memória psíquica que parece ser afetada diretamente com as interações musicais no asilo e o elemento do rádio que está aparentemente sempre constante, assim também a memória sócio cultural que faz conexão direta com elementos culturais, de identidade e mais. Foi importante na pesquisa poder mostrar que um fragmento de uma música pode revelar um padrão e várias características da performance.

Um dos elementos mais importantes da análise foi o funcionamento da memória, que neste caso com pessoas idosas é surpreendente, tendo em conta as desvantagens da idade e como eles são capazes de lembrar uma melodia mesmo nem sempre lembrando a letra completa ou alterando o tempo na interpretação. Parecem ter uma lembrança forte dessas referências musicais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre a Temporalidade

Um dos fatos mais surpreendentes da etnografia como um todo foi a percepção da temporalidade diferenciada do Lar em comparação ao mundo fora dele. Destaco, dentro da minha experiência de etnógrafo de primeira viagem, estas observações sobre como o tempo parece passar mais devagar ao entrar no asilo. Vários fatores contribuíram nesta sensação.

O primeiro foi o movimento dos moradores do lar pois ao ser todos idosos seus movimentos são lentos. Isto gerou em mim um efeito imediato de redução de velocidade em meus movimentos ao caminhar e me movimentar durante o trabalho de campo. Outro fator para esta sensação foi o isolamento tecnológico.

Ao estar acostumado a uma constante conexão desde vários aparelhos ao mesmo tempo, controlando a hora, as mensagens e diferentes tipos de notificações a desconexão pelo menos por algumas horas faz parecer o tempo transcorrer mais devagar. Pode ser pela influência dos idosos ou um tipo de percepção do mundo sem globalização.

Um aspecto importante do envelhecimento e a temporalidade são os efeitos físicos da mesma numa pessoa idosa que pode repetir a mesma ação várias vezes e não lembrar de ter feito aquilo. Considero como possibilidade das sensações de alterações do tempo a perda de memória de curto prazo de alguns velhinhos.

Sobre o envelhecer

O envelhecer, como visto no processo de pesquisa e trabalho de campo, tem consequências físicas e psicológicas que afetam o dia a dia das pessoas idosas. Fica claro, depois da pesquisa, que os efeitos do envelhecer podem chegar a ser sociais ao ponto de isolar uma pessoa quando não é mais útil para a sociedade capitalista em asilos.

Durante todo o processo de trabalho de campo vários idosos manifestaram sua insatisfação com o fato de estar morando num asilo. Apesar de ser tratados como prioridade, vários deles manifestavam sentir falta da autonomia que um dia tiveram, da saúde que um dia tiveram.

Pessoalmente, percebi os efeitos do envelhecer nesta primeira experiência etnográfica de forma muito chocante. Lembrei-me permanente da mortalidade do ser humano, da fragilidade do mesmo. Ao mesmo tempo o trabalho deixa aberta muitas perguntas a ser respondidas do mundo musical dos idosos.

Sobre a Música no Lar Dos Velhinhos

Depois da análise do trabalho de campo e o material registrado é possível determinar que a *Rádio* (no *Lar dos Velhinhos*) funciona como catalizador da memória musical dos idosos. É uma ajuda para eles não percam completamente sua memória psíquica como foi visto com *Sujeito 1*, *Sujeito 2*, *Sujeito 5* e os estímulos que os idosos têm como *Sujeito 3* que canta durante o serviço e as constantes visitas que os idosos dizem receber de músicos da cidade.

Outra das considerações que revelou a pesquisa é que a música tem uma forte conexão com a identidade dos velhinhos correspondente a seus lugares de origem como as músicas do artista Teixeira que representam para *Gaúcho* a identidade gaúcha que ele tem e sua região de origem assim como uma identidade caipira que compartilham a maioria dos idosos do asilo. No caso do **Sujeito 2**, cantando uma canção de Palmeira e Luizinho dois representantes da música caipira do interior do estado de São Paulo, que reforça a identidade paulista do idoso.

Já *Sujeito 3* representa um fator em comum com os idosos e a religiosidade pois com as canções que ela interpreta reforça a religiosidade. Independente da vertente que os idosos preferem, parecem se sentir identificados com as músicas cantadas por ela.

Ficou claro desde o começo da pesquisa que a música em qualquer das suas expressões (cantada, tocada, escutada ou dançada) é um assunto

importante para os idosos do asilo pois parece ser um estímulo constante no lar que todos compartilham.

Dificuldades e esclarecimentos.

No começo da pesquisa achar ligações entre as músicas e a memória social foi um desafio, pois ficou claro desde a primeira visita ao *Lar Dos Velhinhos* que muitos deles tinham problemas de memória de curto prazo. No entanto, as semanas em que não foi possível fazer o trabalho de campo por motivos de saúde foram a chave que ajudou a esclarecer as ligações entre a música e as lembranças de momentos específicos de vida.

Como estudante estrangeiro de fala hispana, no momento do trabalho de campo se apresentaram várias dificuldades na interação com os idosos. Em primeiro lugar por causa da língua, pois mesmo tendo aprendido português na faculdade e no dia a dia, o encontro com idosos que tem um sotaque diferente, dificuldades na fala e problemas com retenção de memória me obrigou a traçar estratégias para poder me comunicar melhor com eles.

Foi uma experiência reveladora em muitos sentidos pois me ajudou a perceber coisas como vícios tecnológicos que tenho ao estar constantemente ligado a diferentes aparelhos tecnológicos. Esta pesquisa me ajudou, finalmente, a perceber em que medida minhas ações e atitudes podem contribuir à marginalização do idoso, possibilitando uma reflexão que me levasse a mudar meu comportamento em relação a eles.

Referências bibliográficas

BLANCO, Nelson H. **Una formación musical popular para la vida**. In: IX Congreso de la Rama Latinoamericana de la IASPM Caracas, 2010. **Actas...** Montevideo: IASPM-AL y EUM, 2011. P. 567-571.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. Sao Paulo: T.A.Queiroz, 1979. 399 p.

BAUMAN, Zigmunt. **Cuestiones de identidad cultural** (comp. Hall Stuart y Paul du Gay). Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

CASTAGNA, Paulo. A musicologia enquanto método científico. **Revista do Conservatório de Música**, Pelotas, n. 1, 2008.

COOK, Nicholas. Agora somos todos (etno) musicólogos. **Ictus**, Salvador, v. 7, p. 7, 2006.

DE CARVALHO, Mirian. Ontologia e Estética: Uma Filosofia do Tempo Poético. **Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)**, v. 2, n. 03, p. 147-154, 2010.

DOS SANTOS, Nilton Silva. Viagens folclóricas e etnográficas no Brasil: duas perspectivas de época na composição de acervos musicais. **Leituras sobre música popular: reflexões sobre sonoridades e cultura**, p. 38, 2008.

Chaves, A.D.D. ; FARIA, E. M. B. . Cantiga de Ninar em Mulheres Ouvinte e Surdas. In: FARIA, Evangelina M.B.; CAVALCANTE, Marianne C.B.. (Org.). Desafios para uma Nova Escola. 1ed.JOÃO PESSOA: EDITORA UNIVERSITÁRIA UFPB, 2011, v. 16, p. 109-149.

EMANUELLI, Paulina Beatriz. Posmodernidad y globalización en los medios masivos de comunicación: la TV por cable en Córdoba, Argentina: ¿hacia la homogeneización de identidades culturales?(1). **Revista Latina de comunicación social**, n. 39, p. 5, 2001.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. A organização de arquivos e a construção da memória. **Sæculum–Revista de História**, v. 1, 1995.

GUERRA, A. C. L. C.; CALDAS, Célia Pereira. Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 6, p. 2931-2940, 2010.

GALLARDO, Rafael Mendía. **Animación sociocultural de la vida diaria en la tercera edad**. Eusko Jaurlaritzaren Argitalpen Zerbitzu Nagusia= Servicio Central de Publicaciones del Gobierno Vasco, 1991.

HALL, Stuart et al. Introducción: ¿quién necesita identidad?. **Cuestiones de identidad cultural**, p. 13-39, 2003.

DE JESUS MIRANDA, Maria Luiza; GODELI, Maria Regina C. Souza. Música, atividade física e bem-estar psicológico em idosos. 2003.

LINCK, Caroline de Leon et al. A inserção do idoso no contexto da pós-modernidade. **Ciênc. cuid. saúde**, v. 8, n. supl, p. 130-135, 2009.

MACHADO, Silvia de Ambrosio Pinheiro. **Canção de ninar brasileira: aproximações**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

Molina, Encarna. R. Una reflexión sobre la posmodernidad. ESDI online, 2008.

Disponível em:

https://scholar.google.es/scholar?cluster=17593531232387949668&hl=es&as_sdt=0,5 aceso 12/05/2016.

Pelinski, Ramón. Etnomusicología en la edad posmoderna. In: **Invitación a la Etnomusicología**. Madrid: Akal, 2000.

PRAZERES, Maria Márcia Viana et al. O Canto como Sopro da Vida: um estudo dos efeitos do Canto Coral em um grupo de coralistas idosas. **Kairós Gerontologia. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Saúde. ISSN 2176-901X**, v. 16, n. 4, p. 175-193, 2013.

ROBLEDO, Eduardo Tejero. La canción de cuna y sufunción de catarsis en la mujer. **Didáctica. Lengua y Literatura**, v. 14, p. 211-232, 2002.

ROCCA, Adolfo Vásquez. Baudrillard; Cultura, simulacro y régimen de mortandad en el Sistema de los objetos. **Eikasia: revista de filosofía**, n. 9, p. 4, 2007.

SANTANA, Carla da Silva. **Temporalidade e velhice: relatos do resgate e da redescoberta do tempo**. 2001. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia.

SANTARSIERO, Luis Hernán. Aportes para una revisita a los métodos cualitativos y sus trayectorias: Reseña de: Irene Vasilachis (coordinadora), Estrategias de investigación cualitativa, Barcelona, Gedisa, 2006. **Revista Latinoamericana de Metodología de las Ciencias Sociales**, v. 1, n. 1, p. 126-130, 2010.

TREVITHICK, Pamela. **Habilidades de comunicación en intervención social: manual práctico**. Madrid: Narcea Ediciones, 2002.

TOSSIN, Laísa Fernandes. Cantigas da Cascavel: tradução de cantigas de ninar Yawalapíti. **In-Traduções Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC**, v. 6, n. 10, p. 180-186, 2014.

VEGA, Carlos. Mesomúsica: un ensayo sobre la música de todos. **Revista musical chilena**, v. 51, n. 188, p. 75-96, 1997.

VALENÇA, Vera Lucia Chacon. **O Museu das Crianças do Brasil: aprendendo com as histórias, tecendo a memória e dialogando com as diversidades culturais numa experiência entre idosos e crianças**. In: ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. **Anais...** Fortaleza: UFC, 2009.